



Notícias de Beja

16
abril
2020

SEMANÁRIO REGIONALISTA DE INSPIRAÇÃO CRISTÃ

Ano XCII – N.º 4511

Diretor: ANTÓNIO NOVAIS PEREIRA

Autorizado pelos C.T.T.
a circular em invólucro
de plástico fechado.
Autorização
N.º D.E.
DE00192009SNCGSCCS



PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
BRAGA
TAXA PAGA

Preço 0,50 • c/ IVA

PÁSCOA 2020



O Senhor ressuscitou verdadeiramente. Aleluia!

Jesus de Nazaré, passou a vida “fazendo o bem e curando a todos os que eram oprimidos pelo Demónio, porque Deus estava com Ele.

Nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez no país dos Judeus e em Jerusalém; e eles mataram-n’O, suspendendo-O na cruz. Deus ressuscitou-O ao terceiro dia e permitiu-Lhe

manifestar-Se, não a todo o povo, mas às testemunhas de antemão designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois de ter ressuscitado dos mortos. Jesus mandou-nos pregar ao povo e testemunhar que ele foi constituído por Deus juiz dos vivos e dos mortos” (Act. 10,38b-43).

Nesta Páscoa, diferente de todas as outras, porque marcada pelo recolhimento e o recurso às novas tecnologias para a transmissão de imagens, mensagens e celebrações a partir do Vaticano, Igrejas Catedrais e Igrejas Paroquiais, bem como das felicitações entre familiares e amigos.

Muito há para continuar a ler, visualizar e refletir, sobretudo

pensando no futuro que, na hora de regressar à normalidade, será certamente de forma lenta e diferente.

O mundo não poderá continuar como antes da manifestação da força do COVID-19 que, de forma surpreendente proclamou que qualquer sociedade, se comandada exclusivamente pela economia,

depressa se arruina e destrói. Quando todos proclamávamos que temos muito a fazer e que “a vida não pode parar”, a situação de pandemia convidou o mundo inteiro ao recolhimento junto das famílias a afim de poder celebrar a Páscoa.

Novais Pereira

JUAN DE DIOS MARTIN VELASCO

Faleceu no dia 05 de Abril

Juan de Dios Martín Velasco, sacerdote Diocesano de Madrid, faleceu aos 86 anos de idade, na Casa Sacerdotal de Madrid, Rua de S. Bernardo.



Enquanto Filósofo (principalmente na área da Fenomenologia das Religiões) e Teólogo, é impressionante o legado das suas obras, artigos e conferências. Onde se anunciava a presença de Martín Velasco, não faltavam ouvintes ávidos de o escutar.

A sua reflexão, profunda e acessível aos destinatários, possivelmente, mais do que uma “grande Biblioteca”, tinha por detrás o trabalho pastoral ao qual sempre se entregou, no contacto com todos e, preferencialmente, os simples e humildes.

Pessoalmente, tive o privilégio de ter sido seu aluno (2000-2002), no Instituto Superior de Teologia Pastoral em Madrid, tendo verificado que a sala de aulas sempre se encontrava cheia de alunos que o escutavam e seguiam atentamente. Dele recordei também que nunca vi o seu tom de voz alterado, bem como o seu rosto alegre, perante todos quantos dele se aproximavam.

Sendo professor Catedrático, e então, Director do Instituto, impressionava com a sua simplicidade, humildade e proximidade de todos.

Ao receber a notícia da sua morte, a Diocese de Ávila, ao lamentar a sua morte, considerou-o “um dos grandes teólogos espanhóis da segunda metade do séc. XX”.

Depois de muito ter sido escutado em sua vida, as suas obras nas áreas da fenomenologia das religiões, teologia pastoral, espiritualidade e mística, por certo, continuarão a alimentar a reflexão dos teólogos actuais e futuros.

Pe. António Novais

UM TESTEMUNHO DE QUEM COMELETRABALHOU

Juan de Dios saiu em silêncio

Juan nunca se atreveu a pronunciar seu nome completo, Juan de Dios. Também nunca se sentiu à vontade quando o ouviu de outra pessoa. Embora pela fé ele tivesse a certeza de estar nas mãos de Deus, a sua humildade não lho permitiu dizer aos quatro ventos. Hoje, sim, hoje podemos

chamá-lo Juan de Dios. Nós deixamo-lo nas mãos de Deus.

Ele deixou-nos em silêncio. Isso se foi em silêncio. Como ele gostava de chegar, estar e sair. Certamente, ele desejava: sair em silêncio, sem atrair a atenção e sem distrair ninguém pelo caminho. Silêncio é a palavra ensurdecadora dos místicos. E Juan era-o e sempre foi. Ele não falou de misticismo porque era um estudioso - que também o era. Ele falou do misticismo porque lhe brotava “da alma no centro mais profundo”.

De Juan, sua maneira peculiar de ser crente era impressionante: a sua fé reuniu a mais profunda experiência mística e o mais empático conhecimento e diálogo com a cultura secular, o amor pela igreja e a denúncia de seus buracos no Evangelho, o amor ao mundo e a denúncia do mundanismo sem significado. Que habilidade para unir a oração e o militante! E ele não o ensaiou; jorrava como uma fonte que jorra água. Testemunhos de fé como esse têm permitido que muitas pessoas continuem acreditando, e outros se tenham sentido forçados a rever a sua fé.

A humanidade de Juan era impressionante. Uma humanidade sóbria, austera, serena, íntima e respeitosa... Não era fácil saber o que havia nele de humildade e o que havia nele de timidez. Ele sempre se aproximava como se pedisse perdão, ou mantinha a distância, exercitando respeito. Sua humanidade cobriu quase tudo. Sem falsos misticismos, sem poses ensaiadas, sem ser sentido, sem ocupar espaços, deixando sempre aquele lugar que o outro precisa e ao qual o outro tem direito. Isso é ser humano, profundamente humano. Essa foi a experiência da encarnação na história pessoal de Juan. Juan foi a todos os lugares despojando-se da sua posição e colocando-se ao serviço de qualquer um.

A sua visão da Igreja
Era impressionante o modo como Juan olhava a Igreja. Ele amava muito a Igreja porque nela muito tinha que sofrer. Só podemos dizer isso agora, quando ele não nos ouve mais nem pode responder. Sim, João mostrou seu amor pela Igreja precisamente sofrendo na Igreja e pela Igreja. Para ele, dizer Igreja era dizer “comunidade de Vallecas”, aquela comunidade rural de Palencia, a família do Instituto Superior de Pastoral... Ele ficou sem medalhas, como queria, porque João havia assimilado muito o mais substancial do Evangelho. Como São Francisco disse de si mesmo, de João também se pode dizer: “Conhecia de memória a Jesus Cristo”. Porque conhecer a cristologia de memória é uma coisa e outra é conhecer de memória a pessoa de Jesus Cristo, o imenso mistério de Jesus Cristo.

A sabedoria de Juan era impressionante. Ele disse que não tinha habilidades pedagógicas e que devia ser muito chato ouvi-lo. Mesmo em algumas das suas palestras, ele deu aos ouvintes autorização para dormir em silêncio. Mas ele sabia muito bem, pelas expressões nos rostos dos ouvintes, que em cada um de seus silêncios estava sendo feita uma nova afirmação cheia de sabedoria. Juan falou pensando em voz alta. Enquanto falava, lutou com seu próprio pensamento. Ele estava lutando para chegar ao fundo das coisas, das pessoas, do mistério de Deus. E, ao mesmo tempo, ele estava lutando para estabelecer um diálogo respeitoso com qualquer um que procurasse a verdade. Sua sabedoria sempre vinha acompanhada com grande humildade e brava honestidade... Atrás dele, ele deixou um rastro de sabedoria em que todos os que buscam a verdade continuarão a beber.

Tudo sobre Juan era impressionante. Juan tinha uma esperança impressionante de que ele já deveria ter sido cumprido nos braços de Deus. O que Juan nos poderia dizer agora sobre o Santo, o Outro, o Mistério, agora que ele o contemplou face a face? Obrigado, Juan, por tua vida.

Felicíssimo Martínez

Fonte: Vida Nueva, 07-04-2020

Editorial



António Novais Pereira, Diretor

O dever da “Páscoa em casa”

Na luta contra o COVID-19, a Igreja, depois das primeiras medidas – pias às portas Igrejas sem água benta, comunhão na mão e não realização do “abraço da paz” – depressa tomou a decisão dolorosa de suspender todos os atos comunitários e principalmente, a suspensão das catequeses, reuniões e missas, bem como as celebrações de Casamentos e Batizados, desde que pudessem ser desmarcados. Como consequência, também as Procissões e diversos atos de devoção da Semana Santa foram suspensos e depressa se tornaram muito eloquentes as imagens transmitidas com o Papa Francisco, sozinho, na Praça de S. Pedro, como se carregasse, sem ninguém a ajudá-lo, os problemas da Igreja e da humanidade. Sobre as celebrações da Semana Santa e Páscoa, houve orientações muito claras para a Igreja Universal, ficando alguma liberdade para os bispos diocesanos, de acordo com a situação vivida nos diferentes países e/ou territórios. Em todo o caso, sempre a recomendação de que se devem observar as orientações emanadas pelas Autoridades que, vão sofrendo alterações, conforme o evoluir da situação de pandemia. De um modo geral, podemos verificar que grande tem sido o esforço da Igreja, no sentido de dar o seu contributo, quer pelo cumprimento do

que vem sendo estipulado, quer pela responsabilidade que tem na educação e transmissão de valores, junto das populações.

Contudo, não podemos deixar de reconhecer que, em alguns casos isolados, poderão ter sido ultrapassados os limites, por diferentes razões, as quais desconhecemos: afirmação pública da fé ou afirmação da irresponsabilidade? Continuar a prestar a necessária assistência espiritual ou exibicionismo? Dificuldade em compreender o que é demasiado sério? ...

Não podendo julgar ninguém, recordei somente que os próprios bispos deram orientações para que a **Páscoa fosse celebrada em casa** e, na medida do possível, procurarem seguir as celebrações pelos meios de comunicação social. Por outro lado, diz-nos a experiência da vida que, em muitas situações, a afirmação do nosso amor pelos outros passa por deles nos afastarmos.

Da Palavra de Deus vemos a advertência: um Centurião Romano manifestou uma fé maior porque não se achou digno de que o Senhor (Jesus) fosse a sua casa. Bastava-lhe a palavra de Jesus para que o seu criado fosse curado. Por outro lado, iniciamos a Quaresma com o convite a que nada façamos para que os outros vejam porque Deus Pai vê no segredo. Em breve, (tempo pascal) seremos confrontados com o capítulo VI do Evangelho segundo S. João, no qual Jesus é-nos apresentado como Pão da Vida, alimento de vida eterna, antes de mais, porque é a Palavra do pai e, quem vive e n'Ele acredita terá a Vida Eterna.

O nosso Domingo

Com Cristo no Centro

Fr. Pedro Bravo, oc

Estamos em regime de confinamento em casa, se não todos, pelo menos a maioria. À exceção dos nossos irmãos e irmãs da linha da frente no combate ao COVID-19 e dos que asseguram que a vida continue com a maior normalidade possível, muitos dos quais vivem separados ou até isolados das próprias famílias, a fim de não serem em risco a saúde dos seus, nem daqueles a quem servem. Nunca este mundo, tão complexo, foi tão pequenino, fazendo-nos perceber que, apesar de todas as nossas diferenças e do progresso científico e tecnológico a que chegamos, estamos todos no mesmo barco, sujeitos à mais pequena ameaça, obrigados a permanecer em casa.

Ainda há pouco, havia quem não fizesse caso da crise mais grave que teremos de enfrentar neste século, a crise ecológica; havia pais que se tinham demitido da sua missão de educadores, famílias que viviam dispersas, sujeitas a obrigações cegas, horários desencontrados, contratos desumanos e frequentes deslocamentos; agitavam-se lobbies, empenhados na destruição da família, animados por uma ideologia de morte, dispostos a tomar o poder, a fim de manipular a vida humana. Parecia que o homem tinha finalmente conseguido dominar a terra e de plasmar o seu próprio destino e ser.

Bastou, porém, uma pequena ameaça, um vírus invisível e imprevisível, para, em pouco tempo, paralisar a vida em todo o planeta e obrigar as pessoas a conviver no seio da própria família, os povos a unir-se e a empenhar-se na defesa da vida. De modo que, pela primeira vez na história, estamos todos confinados a casa.

2- O mesmo aconteceu aos apóstolos, depois que Jesus foi

morto na cruz. De modo que, no terceiro dia, quando Ele ressuscitou dos mortos, o domingo da Páscoa cristã, «na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus...», subitamente acontece o que ninguém esperava: «Jesus veio e pôs-se de pé no meio». Quase todas as traduções acrescentam «deles». Mas o pronome não vem no original. Jesus não se pôs apenas no meio dos seus discípulos, como tinha prometido (Mt 18,20), mas «pôs-se, de pé, no meio». Ele está de pé, ressuscitado, vitorioso sobre Satanás, o pecado e a morte. «No meio»: não temporal e localmente, mas como «o Alfa e o Ómega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim» (Ap 22,13) de todas as coisas, como único «Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus» (1Tm 2,5). Cristo ressuscitado está no meio de tudo: da criação, da vida e de todos os seres humanos, fazendo-se Páscoa e ponte entre Deus e os homens; unindo o céu e a terra, o homem e o universo; conjugando o passado, o presente e o futuro; assumindo o tempo e a eternidade; sendo fator de convergência e dinamismo de comunhão entre os homens, motor de reconciliação de cada um consigo mesmo, com Deus e com os outros, agente de renovação e fonte de esperança. Apesar da diversidade de culturas, das diferenças entre as pessoas, da distância física entre os indivíduos, A esta mesma união de uns com os outros a que nos está a obrigar a atual pandemia, apesar do nosso confinamento em casa. Como poderemos viver este momento de forma positiva, como fator de renovação?

Pondo Cristo «no meio», no centro da própria existência, aderindo com fé e amor à Sua Palavra, o Evangelho, transmitido pela Igreja, de modo a experimentar que Ele é o Emanuel, “o

caminho, a verdade e a vida”, a descobrir que fazemos parte do Seu Corpo e somos habitação de Deus, a deixar-nos possuir e encher do seu amor, luz, paz e alegria, caminhando numa vida nova, sentindo o apelo a testemunhá-la e a partilhá-la com todos.

Desta forma, nesta Páscoa insólita que estamos a viver, cada um de nós é chamado a fazer a experiência de Cristo Ressuscitado, no âmago da própria vida, no seio da Igreja, no interior da sua própria casa, no mais íntimo do seu ser, sentindo-se membro de Cristo e dos irmãos.

3- A isso nos incitam as leituras deste domingo, que nos falam dos dons que brotam de Cristo ressuscitado. A começar pelo Evangelho, a leitura que, no Tempo Pascal, dá a tônica a cada domingo.

Este apresenta-nos num díptico o acesso a Cristo ressuscitado, representado em duas aparições do mesmo, separadas entre si por uma oitava. A primeira aparição aos Dez descreve o fundamento da fé pascal, o testemunho dos apóstolos; a segunda, também a Tomé, a resposta da nossa fé a este anúncio: «Felizes os que não viram e acreditaram».

João concentra no primeiro dia da semana, o Domingo de Páscoa, todos os dons de Cristo ressuscitado, fonte da missão da Igreja: a sua presença junto de nós, o encontro com Ele através da fé, da qual nasce a Igreja; o conhecimento do Pai e o dom de adoção filial, fonte de vida nova em Cristo; o dom do Espírito, fonte de misericórdia, de paz e de perdão; a radicação na Palavra e no ensino dos apóstolos; o dom da comunhão, não só dos bens, mas também dos dons, sentimentos, vivências, iniciativas; a necessidade de alimentarmos e renovarmos a nossa fé através da Eucaristia e da oração;

Continua na Pág. 7



II Domingo da Páscoa ou da Divina Misericórdia Ano A 19 de abril de 2020

I Leitura

Actos 2, 42-47

«Todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum»

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Os irmãos eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, toda a gente se enchia de temor. Todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam propriedades e bens e distribuíam o dinheiro por todos, conforme as necessidades de cada um. Todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma, e partiam o pão em suas casas; tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se.

Salmo Responsarial

Salmo 117 (118)

Aclamai o Senhor, porque Ele é bom: o seu amor é para sempre.

II Leitura

1 Pedro 1, 3-9

«Fiz-nos renascer para uma esperança viva pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos»

Leitura da Primeira Epístola de São Pedro

Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, na sua grande misericórdia, nos fez renascer, pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, para uma esperança viva, para uma herança que não se corrompe, nem se mancha, nem desaparece. Esta herança está reservada nos Céus para vós, que pelo poder de Deus sois guardados, mediante a fé, para a salvação que se vai revelar nos últimos tempos. Isto vos enche de alegria, embora vos seja preciso ainda, por pouco tempo, passar por diversas provações, para que a prova a que é submetida a vossa fé – muito mais preciosa que o ouro perecível, que se prova pelo fogo – seja digna de louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo Se manifestar. Sem O terdes visto, vós O amais; sem O ver ainda, acreditais n'Ele. E isto é para vós fonte de uma alegria inefável e gloriosa, porque conseguis o fim da vossa fé: a salvação das vossas almas.

Aleluia

Jo 20, 29

Disse o Senhor a Tomé: «Porque Me viste, acreditaste; felizes os que acreditam sem terem visto».

Evangelho

Jo 20, 19-31

«Oito dias depois, veio Jesus ...»

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco». Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: «A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos». Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe os outros discípulos: «Vimos o Senhor». Mas ele respondeu-lhes: «Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e a mão no seu lado, não acreditarei». Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez em casa e Tomé com eles. Veio Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-Se no meio deles e disse: «A paz esteja convosco». Depois disse a Tomé: «Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente». Tomé respondeu-Lhe: «Meu Senhor e meu Deus!». Disse-lhe Jesus: «Porque Me viste acreditaste: felizes os que acreditam sem terem visto». Muitos outros milagres fez Jesus na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome.

Sugestões de Cânticos

ENTRADA

Cristo ressuscitou, Aleluia - M. Luis, CNL, 324

SALMO RESPONSORIAL

Aclamai o Senhor, porque Ele é bom - MLuis, SR, 84

COMUNHÃO

Foi removida a pedra (Páscoa florida) -A. Cartageno, CNL, 495, ou outro



CELEBRAÇÕES DA SEMANA SANTA E PÁSCOA



Domingo de Ramos

No Domingo de Ramos, às 11.30 horas, no interior da Igreja Catedral de Beja (Santiago Maior), o Senhor Bispo, D. João Marcos, deu início às celebrações da Semana Santa, com a Bênção dos Ramos, seguida da Eucaristia.

Este ano, pelos motivos que todos conhecemos, não foi possível a tradicional Procissão festiva pelas ruas, com ordem, alegria, respeito e cânticos de “Hossana ao Filho de David”. Com as portas da Catedral en-

cerradas, limitamo-nos ao número mínimo indispensável para realização da celebração e poderemos proporcionar a sua transmissão em direto, pelo Facebook da Diocese: [facebook.com/Diocese-de-Beja](https://www.facebook.com/Diocese-de-Beja) e canal YOUTUBE, no site diocesano: www.diocese-beja.pt. Estas transmissões aconteceram também durante a celebração do Tríduo Pascal e Domingo de Páscoa, contando para o efeito com a generosa colaboração de um casal da Unidade Pastoral.



A Semana Santa culmina com o Tríduo Pascal, desde a Ceia do Senhor (tarde de Quinta-Feira Santa) à Sua Ressurreição (Vigília Pascal), passando pela cele-

bração da sua Paixão e Morte, na Sexta-Feira Santa.

A celebração da Páscoa, como uma unidade única e inseparável, começou na **Quinta-Feira Santa**

Vigília Pascal

Às 21.30 horas de Sábado, dia 11 de abril, teve início a Solene Vigília Pascal, ponto culminante da celebração anual da Páscoa. Após a vivência da Quaresma, é necessário dar lugar à exultação e alegria, celebrando a vitória do Senhor sobre a morte.

Normalmente, a celebração consta de quatro partes: a **liturgia da luz** (bênção do lume novo, preparação do Círio Pascal, procissão com o mesmo e proclamação do Precónio ou anúncio Pascal); a **liturgia da Palavra**, nesta esta noite é mais abundante



Tríduo Pascal

Quinta e Sexta Feira Santa

com a Missa Vespertina da Ceia do Senhor, sendo de destacar o exemplo humilde, generoso e desinteressado de Jesus, a instituição do Sacerdócio e da Eucaristia, tudo acompanhado pelo Mandamento Novo: dei-Vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, façais vós também. “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”

Este ano, excepcionalmente, todas as celebrações decorreram com as portas da Igreja encerradas, procurando deste modo diminuir os riscos de contágio do COVID-19.

A *Missa Vespertina da Ceia do Senhor*, presidida por D. João Marcos, teve início às 18 horas e 30 minutos de Quinta-Feira Santa, dia 09 de Abril.

Na manhã de Sexta-Feira Santa, e Sábado Santo, a partir das 10.00 horas, foi cantado o *Ofício de Leitura e Laudes*. A partir das 15.00 horas de **Sexta-Feira Santa**, teve início a celebração da Paixão e Morte do Senhor: liturgia da Palavra (centrada na Paixão, segundo S. João), concluída com a Oração universal; a apresentação e adoração da Cruz e a comunhão Eucarística, com a reserva do dia anterior.

(nove leituras); a **liturgia batismal** (depois da bênção da água, quando existem, a celebração do Batismo de adultos, e a renovação das promessas batismais, por parte de toda a assembleia); a **liturgia eucarística**, na qual os neófitos participam pela primeira vez de forma plena (1ª Comunhão), depois de terem recebido o Batismo e a Confirmação ou Crisma.

Neste ano, estando suspensos os atos comunitários, tudo foi realizado de uma forma mais simplificada e à porta fechada: omissão da bênção do lume novo, bem como da bênção da água batismal e sem qualquer batismo. No início desta celebração, ao proclamar o Precónio Pascal, a Igreja parece estar embriagada por tanta alegria nesta “noite bendita”, “mais clara que o dia”, ao ponto de bradar “Ó ditosa culpa que tal e tão grande redentor mereceu ter”!

PÁSCOA NA IGREJA CATEDRAL DE BEJA

Domingo de Páscoa



Às 11 horas e 30 minutos, teve início a Solene Concelebração Eucarística, à porta fechada, contando apenas com o número mínimo e indispensável para a dignidade da celebração, própria deste dia, na Igreja mãe da Diocese.

De um modo geral, para assegurar o canto litúrgico, o Padre António Cartageno, ao órgão, e dois solistas: Irmã Natália e Carlos Sequeira.



Homilia de Ramos

5 de abril de 2020

“Podemos sofrer sem ser cristãos mas não podemos ser cristãos sem sofrer”

A Homilia iniciou questionando sobre qual o personagem da Paixão e Morte do Senhor Jesus que melhor retrata a cada um de nós. A Palavra de Deus a todos denuncia, corrige e chama à conversão.

E continuou: “Convido-vos, sobretudo, irmãos e irmãs, a contemplar Jesus na sua Paixão, pelas suas atitudes, pelas suas palavras e também pelos Seus silêncios. N’Ele transparece uma firmeza serena, uma mansidão bondosa para com todos”.

Dirigindo-se a todos que estavam recolhidos em suas casas: “O Senhor Jesus Cristo é o nosso próximo mais próximo. Pela Sua morte na cruz Ele desceu aos infernos da descomunhão e abriu, para toda a humanidade, as portas do Reino dos Céus.

Todos nós, como discípulos de Jesus Cristo devemos suplicar-lhe “a graça de saber dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos”. (...) “Deixemos que o Senhor desperte os nossos ouvidos para nos mantermos firmes nas adversidades, nesta adversidade que agora estamos vivendo”. Confieemos no Senhor que virá em nosso auxílio.

Finalmente, convidou os cristãos “viver esta Semana Santa imitando José de Arimateia, dis-



cípulo de Jesus, que pediu a Pilatos o Corpo do Senhor para O sepultar no Seu próprio túmulo. Esta sua atitude corajosa... impediu-o de celebrar a Páscoa

judaica. Mas para ele, discípulo, e para toda a humanidade batizada em nome de Jesus, a Páscoa Nova foi, a partir de então, Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor”.



Continua na Pág. 8

Memória da Primeira Evangelização na celebração dos 250 anos da Restauração da Diocese de Beja

Mértola Paleocristã (XVII)

António Aparício

É muito interessante o lugar que ocupava na comunidade cristã o chantre, Andreas, «chefe dos cantores da sacrossanta Igreja Myrtiliana» (*Sacrossancte aeclesiae Mertiliana*), que demonstra a existência de escola de música onde se ensinava o canto, em ordem a uma celebração solene, festiva e comunitária da liturgia.

O presbítero Satírio diz que “serviu no presbitério 13 anos, descansou na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo aos seis dias do mês de março da era de 527: Descansa lembrando-se de nós”. A inscrição está dentro de um desenho que lembra o pórtico de um templo. Na parte superior e inferior tem o *crismon* ladeado por alfa e oméga, que segundo M. Oliveira, tendo em conta o simbolismo derivado do Apocalipse, significam o princípio e o fim de todas as coisas.

O monumento de Mannaria, foi comprado em Mértola por Estácio da Veiga, que acerca da sua simbologia, diz o seguinte: «Diversos símbolos cristãos compõem o seu emblemático ornamento. Representa-se o mundo



figurando o princípio e o fim o *alpha* e o *omega*, entre as quais se vê estampado o monograma de Cristo. O globo é timbrado pela cruz de redenção, cujos braços beijam duas pombas, que do oriente e ocidente vieram saudar o troféu sagrado, como divinas mensageiras da paz».

A inscrição de *Exupérius*, ostiário «equivale ao clérigo com o 1º grau de ordens menores. Segundo J. Vives é a única vez que aparece o nome de ostiário, em inscrições Hispanas».

«Também a afirmação de que Tiberius lictor, de 14 anos, tão jovem, poderia ser leitor da Igreja de Myrtilis? Lictor era cargo que implicava o 2º grau de ordens

menores. Tibério poderia sê-lo aos 14 anos?»

O espólio funerário de Myrtilis, na época visigótica tem três inscrições, em caracteres gregos, que importa destacar, não só pelo valor epigráfico, como também pelas ilações históricas que é possível tirar. [...] É uma lâmina de mármore granolamelar cinzento; «é indubitavelmente cristão este monumento, pois lá tem gravada uma cruz no princípio da primeira linha. Deve ser do quinto ou sexto século, do mesmo modo que os seus companheiros naquele campo mortuário e pertenceria a uma família grega domiciliada em Myrtilis»¹ Levantámos um pouco o véu da

riqueza patrimonial que tem vindo à luz do dia, ao longo dos séculos, nomeadamente no último quartel do século XX, por mediação do Gabinete do Campo Arqueológico de Mértola “a vila museus de museus”. Para a Igreja que está em Beja reveste-se de um valor incomum, porque nela podemos admirar uma comunidade viva e dinâmica, que pode e deve ser uma fonte riquíssima de estímulo para a Igreja que somos e para a pastoral que fazemos. É bom sermos Igreja viva à luz da “*sacrossanta Igreja Myrtiliana*”, como afirma o epitáfio do Chantre, o responsável pelo canto.

A descoberta de um segundo batistério de grandes dimensões, (4,80 metros de largura, 1,52 m de profundidade, luxuosamente apresentado), apenas a cinquenta metros do primeiro, no período paleocristão, «confirma a existência de duas comunidades cristãs diferentes naquela época na vila, uma católica e outra possivelmente *monofisita*».² «Interiormente estruturase em degraus com distinta altura, mas que mantém a forma interior octogonal, sendo o fundo da pia constituída por duas placas de

mármore que formam um octógono irregular»

É natural que assim tenha acontecido. Perante a invasão dos bárbaros, «a população hispano-romana, encerrou-se na couraça das suas cidades e castelos, e aí, fiel a Roma, aguentou o embate dos invasores com tanto êxito que consegue dominar-lhes as primeiras vagas. Logo após entram na Hispânia os Visigodos, como aliados dos romanos. Castino, Governador romano da Bética ataca os Vândalos. Conseguem estes, a muito custo, apoderar-se de Cartagena e Sevilha. Réquila, filho de Hermerico, rei suevo, cerca de 430 conquista Mérida e Mértola, mas só dez anos depois logra dominar em toda a Bética. Efêmero também o domínio dos suevos, visto serem compelidos pouco depois a fixarem-se ao norte do Tejo, mormente nas províncias do Minho e da Galiza. Reina Leovigildo. Eis sozinhos em campo os visigodos»³.

Com espanto, assombro e ação de graças, prostro-me e sinto-me honrado pela herança e feliz memória da «Sacrossanta Igreja Myrtiliana!»

Morrendo destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida



Sílvio Couto

‘Ele é o Cordeiro de Deus que tirou o pecado do mundo: morrendo destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida’ – rezamos no prefácio pascal I, em que marcamos os parâmetros do mistério da paixão-morte-ressurreição de Jesus.

Se tivermos em conta as duas essenciais vertentes desta oração – morrendo destruiu a morte // ressuscitando restaurou a vida – em Igreja poderemos vislumbrar algo que pode estar contido nas diferentes orações de prefácio do tempo pascal:

– porque a nossa morte foi

redimida pela sua morte e na sua ressurreição ressurgiu a vida do género humano (prefácio II);

– foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto mas agora vive para sempre (prefácio III);

– porque, vencendo a antiga corrupção do pecado, renovou a vida do universo com uma nova criação e restaurou o género humano na sua integridade original (prefácio IV);

– pela oblação do seu Corpo na cruz, levou à plenitude os sacrifícios antigos, e, entregando-se a Vós pela nossa salvação, tornou-se Ele mesmo o sacerdote, o altar e o cordeiro (prefácio V).

Numa primeira leitura podemos encontrar dois binómios: cruz-morte; ressurreição-vida... referenciando-nos à dimensão soteriológica e redentora de Cristo pela Igreja.

De que morte ou de que vida se trata, quando rezamos e, sobretudo, quando cremos, professando a nossa fé? Será ‘morte’ no sentido físico ou na dimensão psicológico-espiritual? A ‘vida’

reduz-se só aos aspetos sensoriais ou envolve outras vertentes, nem sempre tão cuidadas quanto devíamos?

Tentemos elucidar estas questões.

– Antes de tudo ‘vida’ refere-se a tudo quanto faz de cada um de nós e de todos os outros seres viventes, nas suas mais diversificadas referências, que não meramente as de natureza material/animal. Não será que muitas pessoas do nosso tempo se reduzem, preferencialmente, a alimentar o corpo, menosprezando os aspetos de natureza psicológica e espiritual. Quantos vivem como se se confinassem à matéria do seu corpo físico-biológico, apreciando, valorizando e cuidando dos prazeres sensoriais. Reparemos nos adereços com que se envolvem – às vezes mais por fora do que por dentro – para que não corra perigo aquilo que conhecem ou ao qual dão valor. Com o passar do tempo – como este é o melhor mestre da vida – vão (vamos) percebendo que isso a que dávamos tanta importância se vai tornando relativo ou aquilo em

que gastavam (gastaram) tantas energias, afinal, vai perdendo a importância tão exaltada.

– Talvez a maturidade das pessoas se possa perceber ou avaliar (sem julgar) mais pela ‘desvalorização’ de si mesmas do que pela exaltação ou até culto do próprio eu. O problema é quando se vive numa sociedade onde a superficialidade faz critério e o papel de embrulho é mais valorizado que o conteúdo. Talvez seja isso em que temos andado entretidos, isto é, a confundirmos o essencial com o urgente ou a trocarmos os critérios pelas circunstâncias.

= O sinal mais central da paixão-morte-ressurreição de Jesus é a Cruz: no contexto do Calvário – o de ontem e o de hoje – tanto ao contemplarmos nela Cristo crucificado, como ao olharmos para ela despida. Sendo símbolo da confluência entre o Céu e a Terra – a haste vertical, que representa o mistério da encarnação; a haste horizontal foi isso que Jesus fez, levando-nos com Ele em toda a sua humanidade e salvando-nos pela sua entrega, pelo mistério da

redenção. É na Cruz que está contida em semente a explicação das palavras que rezamos nos prefácios das eucaristias do tempo pascal: ‘morrendo, destruiu a morte’ com tudo quanto envolve rutura com Deus pelo pecado; ‘ressuscitando, restaurou a vida’ naquilo que nos foi concedido na dimensão espiritual, quando aceitamos Jesus Ressuscitado na nossa vida, tudo renasce e ganha novo sentido, a vida nova em Deus.

Podemos – e vamos – continuar a experimentar a morte física, no nosso corpo, composto por matéria frágil e biodegradável, mas, na dimensão espiritual, renasceremos pela configuração com Cristo pelo batismo. Talvez este estado de pandemização, que estamos a viver, nos possa ajudar a rever muitos dos nossos valores e critérios: mais do que solidários na desgraça podemos/ devemos tratar de viver uma comunhão na conversão. Isto é um apelo à dimensão comunitária/social com incidências pessoais muito intensas...

A luta contra o COVID - 19

A força de um ínfimo microrganismo, chamado Coronavírus, COVID – 19, e os acontecimentos que estamos a viver, a nível mundial, imbuídos de incontáveis sofrimentos e outras nefastas consequências, suscitam as mais variadas reações.

Como crente, e recusando qualquer atitude perante uma espécie de tragédia grega, como se tivéssemos que aguentar, sem nada poder fazer, perante uma fatalidade, opto por fortalecer a minha confiança em Deus que, como “Bom Pai”, não se afasta e bem sabe aquilo de que precisam os seus filhos.

Enquanto muitos reagem e perguntam “onde está Deus”, escuto a resposta de Deus, devolvendo a pergunta; E tu, (Adão) meu filho, onde estás? O que fizeste?

Face a tanto mal e sofrimento, uma tentação fácil será a de encontrar culpados e, por isso, em vez de se dizer que “sem o saber, contagei o meu irmão”, é compreensível a justificação de que “fui contagiado”. Na verdade, normalmente, não se sabe quem infetou e a quem se infecta.

Face aos “eventuais culpados” e a tentação de os condenarmos, a correção do “Divino Mestre” a todos quantos pensam que as doenças ou os desastres são necessariamente um castigo dos pecados ou más opções dos atingidos por desgraças: “Julgais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros galileus”, por terem sido mortos à ordem de Pilatos? “Digo-vos que não; mas, se não vos arrependerdes, perecereis todos igualmente. E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé, e os matou, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo”. (Cf. Lc. 13, 1-5)

Rumo ao Futuro

A advertência de Jesus, outrora aos galileus, vale também para a humanidade de hoje. Na verdade, depois de termos encontrado um pouco mais de paz e podermos regressar progressivamente à normalidade, para além do reconhecimento humilde do que esteve menos bem perante este “inimigo desconhecido”, será necessária uma verdadeira conversão para que, no futuro, não nos aconteçam males semelhantes ou ainda piores. Há lições do passado e do presente que nunca poderemos esquecer, como forma de estarmos melhor preparados para os desafios futuros. A verdadeira conversão exige humildade e coragem, imbuídas da memória da história que não se apaga.

Caritas Diocesana de Beja - COVID-19

Cáritas de Beja precisa de meios e apela ao voluntariado na Bolsa do Baixo Alentejo, promovida pela Cruz Vermelha Portuguesa, o Centro Distrital de Beja da Segurança Social e a Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (Cimbal). Pode inscrever-se aqui:

<https://www.cimbal.pt/.../bolsa-de-voluntariado-do-baixo-alen...>
Mariana Côco realça que “temos falta de máscaras de proteção individual (Cirúrgicas ou PFF 2),



gel desinfetante ou álcool, fatos de proteção individuais, cujas encomendas já fizemos, mas com previsão de entrega muito

demorada”.

Caso queira fazer o seu donativo em numerário, pode fazer o seu donativo através de transferência bancária usando as seguinte referências:

IBAN: PT50 0010 0000 1988 9390 0144 5

Enviando o seu comprovativo para: caritas@caritasbeja.pt

A entrega de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) devem ser feitas entre as 09:00 e as 17:00 nas nossas instalações

Publ.



Cartório Privado de Odemira Notária: Ana Paula Lopes António Vasques

Certificado

CERTIFICO, para fins de publicação, que foi lavrada neste Cartório Notarial, no dia de hoje, de folhas uma verso a folhas duas verso do Livro de Notas para Escrituras Diversas número “Trezentos - E”, escritura de justificação, na qual se declarou que:

Nelson Fernandes de Jesus Castanha e cônjuge **Maria da Conceição Cabecinha**, residentes em Aldeia Bogaga, Caixa Postal 802, Vila Nova de Milfontes, Odemira;

São donos e legítimos possuidores de um veículo categoria ligeiro, marca “PEU-GEOT”, modelo 290 G 92-2, matrícula XA-84-42, cilindrada dois mil e quinhentos centímetros cúbicos, número de quadro VF três dois nove zero G nove dois zero

zero zero quatro quatro seis oito quatro. Que a matrícula daquele veículo se encontra cancelada no Registo Automóvel por falta de inspeções periódicas desde Março de dois mil e oito;

Que adquiriram o referido veículo em data que não conseguem precisar do ano de dois mil e oito aos herdeiros de António Salvador Leitão, em troca de prestações de serviços em terrenos agrícolas de que aqueles eram titulares.

Que a declaração de venda para o ora outorgante não lhe foi desde logo entregue para que pudesse proceder ao registo de propriedade a seu favor, tendo os justificantes passado desde logo a usufruí-lo, como coisa sua, cuidando dele, reparando-o, à vista de toda a gente, sem

interrupção temporal e sem oposição de ninguém e na convicção de quem exerce um direito próprio.

Que assim já possuem o referido veículo há mais de dez anos, sendo a sua posse de boa fé, pacífica, contínua e pública, pelo que já o adquiriu por USUCAPIÃO, título que invoca, uma vez que não lhe é susceptível adquirir pelos meios extrajudiciais normais o documento único automóvel;

Está conforme, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se certifica.

Odemira, 13 de Março de 2020.

A Notária
Ana Paula Vasques

Com Cristo no Centro

Continuação da Pág. 2

a importância do amor, partilha e serviço fraternos; o apelo a participar na vida e missão da Igreja, continuadora da de Cristo neste mundo. Assim não nos sentiremos mais sós e inúteis e a pandemia, com o confinamento a que somos obrigados, tornar-se-á um motivo inspirador de união entre as pessoas e os povos, despertando-nos para a urgência de levar a sério os problemas que atingem o nosso século, de modo a sermos motivo de esperança, preparando um futuro melhor para as gerações mais jovens, que dentro de pouco deverão assumir a tarefa e a responsabilidade que todos nós temos de construir já hoje um mundo mais digno, mais justo, mais fraterno e mais ecológico para todos.

5 formas de ajudar o “Notícias de Beja”

1. Pague a assinatura do jornal atempadamente.
2. Faça publicidade no “Notícias de Beja”. Tem uma empresa ou responsabilidade na gestão de algum negócio? Anuncie no “Notícias de Beja”. Como temos pouca publicidade, cada anúncio obtém mais visibilidade.
3. Ofereça uma assinatura. É uma prenda que não é cara (35 euros). E dura pelo menos um ano. E quem a recebe vai lembrar-se de si pelo menos uma vez por semana. Grande prenda!
4. Proponha o nosso jornal a um amigo. Se gosta do jornal (podemos presumir que sim, porque recebemos elogios com alguma frequência), proponha-o a um amigo. Depois de o ler ofereça a alguém. Um amigo do jornal encontra outro amigo
5. Ajude a divulgar o jornal passando pelo facebook e partilhando nas redes sociais capas e algumas notícias que lá vamos pondo.



SOMEFE
évora

O seu parceiro em
infra-estruturas
do sub-solo

Telecomunicações, Electricidade
Gás, Águas, Esgotos, Pluviais




SOMEFE - Sociedade de Metais e Fundição, Lda.
Rua Circular Poente, 17 - RITE - Apartado 31
7006-801 EVORA - PORTUGAL
Tel. (+351) 266 750 250 • Fax (+351) 266 750 251
somefe@somefe.pt • www.somefe.pt



Notícias de Beja

Propriedade da Diocese de Beja
Contribuinte N.º 501 182 446

16
abril
2020

Diretor: António Novais Pereira
Redação e Administração:
Rua Abel Viana, 2 - 7800-440 Beja
Telef. 284 322 268
E-mail: noticiasdebeja@mail.telepac.pt

Assinatura 35 Euros anuais c/IVA
IBAN PT50 0010 0000 3641 8210 0013 0

Impressão:
Gráfica do Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4-A - 4710-306 Braga

Registo
N.º 102 028

Depósito Legal
N.º 1961/83

Editado em
Portugal

Tiragem
1.500

DESTAQUES DAS HOMILIAS DE D. JOÃO MARCOS

Quinta-feira Santa

9 de abril de 2020



Como outrora os Seus discípulos, também nós temos dificuldade em compreender os caminhos de Deus face àquilo que os nossos olhos podem contemplar: a pandemia com tanta gente a morrer, a retenção em nossas casas, sem poder sair...

Procurando ajudar-nos a viver esta situação concreta, apresentou algumas reflexões: o confinamento em nossas residências e a vivência original e tradicional da Páscoa judaica, até Jesus a ter realizado, também numa casa, na “Última Ceia” e ainda, a celebração da Eucaristia, pelos primeiros cristãos, nas casas dos fiéis. Não será este um sinal para que construamos a “Igreja doméstica”?

Face à realidade da violência doméstica “façamos ressoar o mandamento novo do amor fraterno, que nos indica qual é o caminho da paz e da boa convivência: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei!”

Nós te damos graças também pelo Teu Sacerdócio de que nos fazes participantes. Pelo seu exercício, cultivamos o nosso relacionamento com o Pai e contigo, no mesmo Espírito. Por ele recebemos a graça do Teu perdão e da comunhão contigo. Ajuda-nos, Senhor, a apreciá-lo devidamente, e a exercê-lo em cada dia, com amorosa e agradecida fidelidade.

Sexta-feira Santa

10 de abril de 2020

D. João Marcos iniciou a Homilia contemplando os bancos da Igreja vazios, contrariamente aos anos anteriores. Este ano, paira “o medo do contágio do vírus Covid-19” e, última análise, o “medo de morrer”. Como encaramos a morte? Ele “sentiu ao mergulhar na morte, ... que a Sua morte é uma passagem deste mundo para o Pai que O ama e em cujas mãos entrega a Sua vida”.

“Quem acredita em Jesus Cristo e está batizado em Seu nome, dá morte e sepultura ao seu homem velho e ressuscita com Ele para a Vida escondida em Deus, vida que é própria do Filho. A morte surge então para nós como a outra face desta moeda que é a vida. E a vida do cristão outra coisa não pode ser, senão isto: levarmos sempre, no nosso Corpo, o morrer de Jesus, para que a Sua Vida de ressuscitado se manifeste em nós(2Cor 4,11).”

“A Igreja manda-nos, neste dia de Sexta-feira Santa, contemplar a imagem de Cristo crucificado, que é a imagem mais importante e indispensável para crescermos na vida cristã, nesta vida de configuração com Jesus Cristo, Nosso Senhor (...) Nas vossas casas, queridos irmãos, o crucifixo deve ocupar, na sala e nos quartos, um lugar de honra. Ele dá-nos a medida do amor do Senhor para conosco, a mesma medida que Ele espera de cada um de nós.”

“Queridos irmãos e irmãs: se quereis ser discípulos adultos de Cristo Jesus **não fujais da vossa cruz mas abraçai-a e carregai com ela em cada dia!**”

Vigília Pascal

11 de abril de 2020

“O Senhor ressuscitou verdadeiramente! Aleluia!”

“Alegremo-nos, irmãos e irmãs, por esta notícia esplêndida que chegou ao nosso coração e nos faz viver na fé, na esperança e na

caridade, a vida nova dos filhos de Deus!”

Depois de uma breve síntese de cada uma das leituras, o nosso Bispo referiu que ser cristão “é estarmos mortos para o pecado

e, unidos a Cristo Jesus, vivermos para Deus. Ou como S. Paulo afirmou, é levarmos sempre, no nosso corpo o morrer de Jesus, para que, também no nosso corpo se manifeste a Sua vida de ressuscitado (2Cor 4,10).”

Domingo de Páscoa

12 de abril de 2020

Hoje somos convidados “a irmos espiritualmente ao sepulcro com Maria Madalena e com os apóstolos Pedro e João, não só para vermos que está, de facto, vazio, mas para escutarmos, da boca dos anjos, a Boa Notícia da Ressurreição”.

“De olhos fixos no Senhor Ressuscitado, fonte de vida e de amor, fonte das águas vivas, podemos, pelo Seu Espírito, continuar a realizar a Sua Páscoa, a Sua passagem neste mundo, fazendo o bem, tornando-nos assim verdadeiros discípulos d’Ele, e Suas testemunhas. Acredita, caro irmão e irmã, que estás implicado na Ressurreição de Jesus tal como estiveste e estais implicado na Sua morte na Cruz. Quem acredita n’Ele, recebe, pelo Seu nome, o perdão dos pecados “Depois, na docilidade ao mesmo Espírito Santo, e a nível mais individual, desejamos as coisas do alto, as realidades do Céu, cultivando essa vida espiritual escondida com Cristo em Deus”. “O domingo não é o fim de semana como atualmente se diz,

colando-o ao sábado: é o primeiro dia da Semana, o dia que o Senhor Jesus ressuscitado nos ensinou a santificar com a sua Ressurreição e aparição aos apóstolos, e manifestando-Sethes novamente, oito dias depois. O Domingo, ou seja, o dia do Senhor, é o dia da Páscoa semanal, o dia de Festa em que devemos descansar e evitar trabalhos servis para podermos celebrar a Eucaristia e experimentar verdadeiramente que Ele está no meio de nós, para nos dar a Sua vitória sobre os nossos pecados. É o dia em que também podemos e devemos dedicar-nos a cultivar os bons relacionamentos familiares, e ainda o espaço para nos divertirmos e praticarmos desportos e/ou outras atividades culturais.

Na nossa sociedade materialista e consumista, esta visão do domingo tem sido contrariada por amor do lucro, transformando-o, para muitas pessoas, em um dia de trabalho praticamente igual aos outros dias da semana. Se como o nosso povo

sabidamente afirma, não há domingo sem missa, queridos irmãos que me escutais, precisamos de convidar para a celebração da missa dominical os nossos familiares, amigos e vizinhos que não costumam frequentar a Igreja mas foram batizados, e que, por isso, são cristãos. Não há domingo sem missa!

Ajudemos esses irmãos e irmãs a cultivarem o relacionamento primordial com Deus, e todas as outras suas relações serão purificadas e melhoradas. Faço aqui um apelo a todos vós que já saboreais como é bom o Senhor, a que ajudeis os não praticantes a frequentarem a missa dominical. Falai com eles, convidai-os uma e outra vez. É uma pequena prenda que o Senhor vos pede neste momento, por meio de mim. Quando terminar esta situação de confinamento e pudermos regressar às celebrações normais nas igrejas, quem me dera que o número e a qualidade dos participantes na Eucaristia tenham crescido nesta diocese alentejana!”



AGRADECIMENTO

As celebrações da Semana Santa na Sé decorreram, como previsto, à porta fechada, mas com um novidade: todas foram transmitidas integralmente pela internet, dando possibilidade a milhares de pessoas de acompanhar em suas casas, no todo ou em parte. Disso tivemos muitos ecos. Estamos gratos à Clara Palma e seu marido por se responsabilizarem por esta tarefa com todo o empenho e profissionalismo. Prestaram um grande serviço a muita gente. O nosso obrigado aos dois.